

Sem figurar entre os maiores cineastas japoneses, Hideo Ohba tem uma filmografia recente. Somente a partir de 1950 seu nome começa a destacar-se: baseado num romance de Jiro Osaragi, ~~KAKUKE~~ denunciou, com ~~KAKUKE~~ extraordinário êxito, em "Os repatriados", a corrupção do após-guerra, ~~KAKUKE~~ através o testemunho de um oficial de marinha que regressa à pátria depois de um longo exílio na península malaia. Esse filme, além de haver sido considerado ~~palaxeritica~~ pela crítica uma perfeita transposição da literatura para o cinema, tornou-se um pequeno marco do movimento em favor da verdade histórica. Não é esse, entretanto, todo o temperamento artístico de Ohba, ou talvez mesmo o seu temperamento. Ele é muito mais um intimista, um romântico, que, em desacôrdo com o mundo atual, prefere contraditá-lo mediante uma concepção idealista da vida. Seu Japão existiria mais em função dos valores antigos, passados, tradicionais: sua preferência pelos recursos arquitetônicos de Kioto mostra bem essa valoração. Acaso exageradamente requintado, sua escolha de paisagens, objetos, trajes, assume quase uma ~~obsessão~~ obsessão estética. ~~KAKUKE~~ A mulher submissa, a hierarquia respeitada, as aparências defendidas constituem, por outro lado, seus motivos ~~prediletos~~ prediletos. Requintado ao ~~extremo~~ extremo, talvez seria um cineasta ~~ultrapassado~~ envelhecido, não fôsse a beleza com que esconde sua ética ~~ultrapassada~~ ultrapassada. "O pólen carmezin" e "O amor que reneguei", como "O segredo da bailarina", estão nesse caso. São exemplos de um conformismo ~~exacerbado~~ exacerbado de que também não se liberta "Encanto de Kioto". Apenas este, por sua linguagem personalíssima e inspirada, ~~conduz~~ conduz à aceitação, e mesmo à admiração, ~~KAKUKE~~ no plano formal, um artista que se recusaria do ponto de vista conceitual.